

ÍNDIOS 11468

Morre mais uma criança caingangue desnutrida

Médico reclama da falta de apoio para prosseguir atendimento na área indígena de Guarita, no norte do Estado

ADRIANA FRANCIOSI, BANCO DE DADOS/ZH

CLARINHA GLOCK

O médico Silvano Rocha Neto, da Secretaria da Saúde e do Meio Ambiente (SSMA), enviado para ajudar no atendimento dos caingangues da área indígena de Guarita, no norte do Estado, não tem um carro para ir às oito aldeias da reserva. Enquanto Neto busca carona e segue atendendo, a comunidade teve mais uma perda. Uma caingangue de um ano e dois meses morreu na última quarta-feira no Hospital Santa Rita de Cássia, em Redentora, com desnutrição severa e anemia. Com esta, já são 13 crianças mortas desde dezembro do ano passado.

A área fica entre os municípios de Redentora e Tenente Portela. Na quarta-feira, Neto teve de pagar um táxi para levar até o hospital de Redentora crianças com broncopneumonia. O veículo que usava era uma Kombi escolar cedida pela prefeitura de Tenente Portela, mas teve de ser devolvida quando recomeçaram as aulas. Neto foi à área auxiliar técnicos da Fundação Nacional do Índio (Funai) e da Fundação Nacional de Saúde quando os índios começaram a morrer em razão de uma virose comum. Crianças sem nutridas costumam ficar sem seqüelas graves.

"A virose está controlada", diz o médico. Mas faltam profissionais de saúde para fazer o aten-



dimento básico na área, e o acesso a algumas aldeias é difícil. "Em geral, quando as crianças chegam ao hospital, já estão com a saúde debilitada", observa Neto. Além disso, os pacientes índios enfrentam o preconceito e a precária situação dos estabelecimentos de saúde da região. Em novembro, uma vistoria feita pelo Conselho Regional de Enfermagem, subseção de Passo Fundo, constatou irregularidades nos hospitais de Redentora e de Miraguai. "Em Redentora, havia só uma enfermeira habilitada, que trabalha na Secretaria Municipal de Saúde", informa a fiscal Rejane Bortolini. "Em Miraguai,

dos quatro auxiliares de enfermagem, apenas dois podiam exercer a função."

O cardiologista Ubiratan Vieira, sócio do Hospital Santa Rita de Cássia, em Redentora, admite que há apenas dois médicos para atender, incluindo ele. "As auxiliares de enfermagem, que na época da vistoria concluíam o curso, já estão habilitadas", garante Vieira. Mário Limpas Terrazas, diretor-clínico do Hospital Nossa Senhora de Fátima, em Miraguai, disse que as profissionais da instituição são habilitadas. Terrazas só aguarda a volta da enfermeira de alto padrão, que está de férias, para responder à notificação do conselho.

Casos mais graves são encaminhados aos hospitais de Passo Fundo e Três Passos. "A transferência é difícil e às vezes demorada porque faltam vagas nas UTIs", lembra Dilnei Garate, administrador da entidade mantenedora do Santo Antônio, em Tenente Portela.

Ontem, decepcionado com a falta de estrutura para trabalhar, Neto pedia auxílio. Denunciava ainda a demora para distribuição da merenda na escola indígena Sepé Tiaraju, em Redentora. "Numa população de crianças desnutridas, o atraso da distribuição da merenda é inadmissível", acusa. Ele propõe criar um Centro de Atendimento à Criança Indígena dentro das áreas, para prevenir mortes de mais índios.



Esforço: o médico Neto atende caingangues doentes em Guarita